

# UMA VISITA ILUSTRE

CMP 2.1.9.51

Celso Maria de Mello Pupo

A Academia Campinense de Letras ouviu encantada o Professor Ernesto de Sousa Campos. Tratava-se de sua posse como membro honorário da Academia, o que se fez em reunião jantar, num salão do Jockey Clube Campineiro, pela noite de 20 último.

O ambiente estava de elegante sobriedade; enriquecido de graça feminina, requintado de espiritualidade, deu aos nossos acadêmicos o colóquio jovial e afetivo com o acadêmico que se empossava e que, pela cultura, pela inteligência, pelas suas numerosas obras, pelo seu prestígio e pelo seu renome, elevou a nossa entidade de letras. Na sua simplicidade de sábio, na sua finura de modos, na sua simpatia empolgante, nas suas letras castiças e no seu dizer cheio de doçura entrecortado com observações espirituosas ou frases elegantes de galanteio às senhoras, soube o Professor Ernesto dominar de pronto todas as atenções, com o especial meneio de sua atração irresistível.

Quiz o Professor deliciar-nos com uma palestra; e escolheu para seu objeto, gestos cavalheirescos e afetivos de soberanos que souberam ser apaixonados esposos e galantes admiradores, distinguindo aquelas que se tornaram suas esposas.

"O Tosão de Oiro e a Ordem da Rosa" foi o título da palestra; mas o orador não se enfiou com preocupações honoríficas ou regras de cavalaria; integrou-se no aspecto humano e sentimental, no significado do amor do esposo pela companheira, embalando sua exposição nas maravilhas da arte e no romantismo dos poetas, na musicalidade das rimas e doces dizeres de sua própria riqueza verbal. Digressou pelo que havia de afeto nestas criações gentis e principescas, buscando em versos de autores vários, as lançoilas brilhantes para sua oração magnífica.

O Tosão de Oiro foi criado por Felipe o Bom, duque de Borgonha, em regozijo pelo seu terceiro casamento, com a infanta Isabel de Portugal, filha de Dom João I o mestre de Avis. Relembrar este rei, é repassar os mais brilhantes dias da história de Portugal e da vida de um pai felicíssimo que pelo seu casamento com Dona Filipa de Lancastre, deixou geração masculina das mais valorosas e a filha Dona Isabel, única legítima depois do falecimento prematuro de sua irmã Dona Branca.

Dona Isabel era filha estremeçada pelo seu pai; de rara formosura e virtudes incomuns, filha de soberano famoso em toda Europa, foi pedida para esposa pelo duque de Borgonha, Felipe o Bom, que se havia casado duas vezes, sendo duas vezes viúvo e sem sucessão.

Para tratar deste casamento, mandou o duque a Lisboa um emissário, logo seguido por

uma embaixada luzidia e composta de nomes pomposos onde estava o de Balduino de Lannoi, cujo apelido mais tarde se transportou para o Brasil com descendentes em Campinas. A embaixada era portadora de procuração para tratar e realizar o casamento, documento que ainda deve estar no Arquivo da Torre do Tombo em Lisboa.

Assentadas as condições do enlace, com o dote estabelecido em cento e cinquenta e quatro mil coroas de oiro e arras à noiva de doze mil e trezentos e vinte coroas, sendo ela ainda "aviada de vestidos, joias, baixela de prata, concertos de casa, e acompanhada e servida como convinha à sua real pessoa", foi firmado o contrato. E casou-se a infanta com o procurador do noivo aos 24 de julho de 1429, na cidade de Lisboa, presentes o príncipe Dom Duarte herdeiro do trono, demais infantes e grande nobreza, assim como o bispo de Évora, "com toda a magnificiência devida à magestade del rei".

Poucos meses depois, partiu a infanta em uma armada de trinta e nove embarcações, rumo à Borgonha onde chegou encantando seu nobre esposo com a sua beleza, celebrando-se os esposas em 10 de janeiro de 1430, perante numerosa e alta nobreza, com festas magníficas pelo espaço de oito dias, de "excessiva despeza" e com deliciasísimos manjares e bebidas sem número, jogos, danças, justas e mais entretenimentos, servidos todos os presentes com grandeza e profusão, como não se tinha visto ainda. Em homenagem à nova duquesa, no mesmo dia do seu casamento, em honra a Deus e a Santo André, criou o duque a Ordem de Cavalaria do Tosão de Oiro, galardoando imediatamente vinte e quatro cavaleiros do mais alto merecimento.

A insígnia desta ordem é uma pele de carneiro completa, com sua lã, que se chama tosão, sustida pelo meio; o seu chefe é o duque de Borgonha. Passando esta sucessão para a Áustria e Hespanha, as suas monarquias conservaram a ordem criada em homenagem à princesa de Portugal.

É Dom João I saudosos da filha ausente e que antes de se casar, em Lisboa se deliciava com cisnes que habitualmente por ela eram alimentados, ao construir o palácio de Sintra, o único paço real que escapou da destruição no terremoto de 1755, em lembrança da filha fez decorar um dos salões, no forro dividido em painéis emoldurados, com cisnes graciosos e plenos de saudades da infanta ausente. Este salão, como o salão dos brasões, são visitados pelos brasileiros que vão a Portugal matar as saudades que todos nós, de sangue luso, sentimos há quatrocentos anos.

A palestra do culto acadêmico se ocupou ainda da Ordem da Rosa, criada pelo nosso imperador Dom Pedro I por ocasião do seu segundo casamento, em homenagem à nossa imperatriz Dona Amélia, merecedora da nossa admiração e de nossa estima pela sua beleza, pela sua cultura e pela sua bondade. Um documento que bem caracteriza esta nossa jovem soberana, é a carta lida em parte pelo conferencista, que a imperatriz de apenas dezanove anos de idade, deixou para seu enteado, criança e imperador Dom Pedro II, com expressões como estas: "mas tu, anjo de infância e de formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei ao teu Augusto pai; um dever sagrado me obriga a acompanhá-lo no seu exílio, através dos mares às terras estranhas; adeus pois, adeus para sempre!"

Não foi plena de rosas a vida da nossa segunda imperatriz: casada antes de completar dezesete anos de idade, aos dezanove já deixava o seu primeiro lar, em prantos pelo abandono dos enteados, seguindo para os trabalhos e lutas do marido empenhado em restaurar a filha Dona Maria II no trono de Portugal. Completada a vitória e firmada a glória do esposo, tendo apenas cinco anos de casada e vinte e dois de idade, ficou viúva, perdendo meses depois, o irmão príncipe consorte de Portugal; permanecendo em Lisboa a criar sua filha única, viu-a fenezer da mesma moléstia do pai e morrer na flor dos seus vinte e um anos na cidade de Funchal. Dona Amélia viveu só, no palácio das Janelas Verdes, para morrer aos sessenta anos de idade, com rosas no casamento "e espinhos a vida inteira".

Depois descreveu o orador a insígnia da Ordem da Rosa que é o entrelaçamento das iniciais de Pedro e Amélia, dentro de uma grinalda de rosas, e percorreu sobre a beleza, a graça, o encanto da rosa; seus poetas, seus cultivadores, seus admiradores e produtores de varedades, continuando a empolgar seus ouvintes com a juventude do seu verbo e com o brilho do seu intelecto moço.

Embalados na louçança de tantos privilégios que deu a natureza ao orador da noite, com o seu engenho de dizer a história e rendilhar fantasias, poderíamos acertar repetinco ao novo acadêmico, de oitenta e três anos de idade e moço espírito, um elogio sonoro como homenagem e admiração, e com a figura que é a deste esteta filântropo:

"Envelheçamos rindo! envelheçamos como as árvores fortes envelhecem; Na glória da alegria e da bondade, agasalhando os pássaros nos ramos dando sombra e consólo aos que padecem!"